

OBITUÁRIO O ator Juca de Oliveira morreu ontem, aos 91 anos, em São Paulo. Além da mulher e de uma filha, ele deixa um legado de mais de 60 peças e dezenas de novelas com encenações que perpassam sete décadas de carreira

Reprodução/TV Globo

Ícone engajado

» MARIANA REGINATO,
» NAHIMA MACIEL

O ator e diretor Juca de Oliveira morreu na madrugada de ontem, aos 91 anos. Um dos atores mais importantes da televisão e da dramaturgia brasileiras, Juca estava internado desde o dia 13 de março na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) cardíaca do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, em decorrência de uma pneumonia e condição cardiológica delicada.

Nascido em São Roque, no interior paulista, em 1935, José Juca de Oliveira Santos foi estudante da prestigiada Faculdade de Direito da Universidade de São, no Largo do São Francisco, antes de dar os primeiros passos nos palcos e telas brasileiros em uma carreira que se estendeu por sete décadas. Foi no terceiro ano do curso, aos 22 anos, que ele decidiu se dedicar completamente ao teatro. Em 1958, Juca ingressou na Escola de Artes Dramáticas (EAD) para dar início a uma das trajetórias mais celebradas da cena artística nacional. Ao lado de nomes como Glória Menezes e Aracy Balabanian, o ator estudou artes dramáticas e participou de um grupo amador até ser convidado pelo diretor Flávio Rangel a ingressar no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), uma das experiências mais prolíficas do teatro nacional.

Juca de Oliveira começou a carreira nos palcos, uma de suas grandes paixões, em 1961, quando encenou a primeira peça com a companhia, *A semente*, de Gianfrancesco Guarnieri, ao lado de nomes como Nathália Timberg, Leonardo Vilar, Stênio Garcia e Cleyde Yáconis. No mesmo ano, receberia o primeiro prêmio, o Saci, pela atuação como filho do protagonista em *A morte do caixeiro viajante*, a famosa peça de Tennessee Williams, em montagem do TBC. Mas foi na primeira versão de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, que ele ficaria mais conhecido. Em seguida, Juca passaria a integrar o Teatro de Arena, palco das grandes experimentações e da militância política da cena teatral brasileira. Ali, atuaria em clássicos como *Eles não usam black tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, amigo de exílio durante a ditadura militar de 1964: os dois se mudariam para a Bolívia para fugir da perseguição.

M.C. Produção e Distribuição Cinematográfica Ltda/Divulgação



Em *O caso dos irmãos Naves* (1967), de Luís Sérgio Person, Juca dividia a cena com Raul Cortez

A militância política era séria para Juca, que sempre se declarou de esquerda e chegou a defender o stalinismo, como muitos de sua geração, antes de se desiludir com a violência dos métodos empregados pelo líder soviético. O exílio foi curto e o ator voltou no mesmo ano de 1964, quando deu início à carreira na televisão como ator da TV Tupi, na qual fez dezenas de novelas, incluindo seu papel mais famoso em

Nino, o italianinho, de Walther Negrão e Geraldo Vietri. Ali trabalhou com grandes nomes da dramaturgia brasileira, como Janete Clair e Lauro César Muniz, antes de desembarcar na Globo em 1973, com um papel na novela *O semideus*. Mas foi em *Saramandaia*, como João Gibão, que o nome de Juca ganhou o país. A novela de Dias Gomes tinha no elenco Sônia Braga, Yoná Magalhães, Ary Fontoura e Antonio Fagundes.

Sempre atuante na esfera política, Juca integrou o Sindicato dos Atores de São Paulo, onde ajudou a escrever leis que protegiam a classe artística, incluindo a regulamentação da profissão. No fim da década de 1970, o ator passou também a escrever seus próprios papéis, para os quais não hesitava dar um tom mais político.

Juca fez boa parte da trajetória na dramaturgia em frente às câmeras da Rede Globo, mas também passou por outras emissoras, como Bandeirantes, SBT e Record, na qual fez *Vidas cruzadas*, em 2000. Na Globo, no entanto, estão seus papéis mais famosos, como o professor Praxedes de *Fera ferida* (1993), de Aguinaldo Silva, e o doutor Augusto Albieri, de *O Clone*, criação de Glória Perez que foi ao ar em 2001. Também esteve em produções como *Flor do Caribe*, *O outro lado do paraíso* e *Avenida Brasil*. Nessa última, encenava o vilão pai de Carminha, personagem de Adriana Esteves. Juca atuou ainda em minisséries, como *Amazônia*, de *Galvez a Chico Mendes* (2007) e *Mad Maria* (2005), e no cinema, como no filme *O caso dos irmãos Naves* (1967), de Luís Sérgio Person.

Além disso, estendeu a paixão pelas artes cênicas escrevendo peças e dirigindo. Destacam-se na carreira por trás do palco as peças *Meno male!*, *Caixa dois*, *Qualquer gato vira-lata tem uma vida sexual mais sadia que a nossa* e *Às favas com os escrúpulos*, em sua maioria comédias. O ator e dramaturgo estava afastado da televisão desde 2017, mas continuou trabalhando no teatro.

Em 2013, ele foi consagrado ao tornar-se imortal pela Academia Paulista de Letras. Juca de Oliveira acumulou mais de 60 peças. Seu último trabalho foi no ano passado, quando participou do documentário *Milton Gonçalves, além do espetáculo*, que retratava a vida e a obra do ator e diretor, morto em maio de 2022.

Casado desde 1973 com Maria Luisa de Faro Santos, Juca deixa uma filha, Isabela Santos. O ator havia completado 91 anos no dia 16 de março. O enterro será realizado na manhã de hoje, no Cemitério do Araçá, na zona oeste de São Paulo. O velório, realizado ontem na capital paulista, foi reservado à família e aos amigos.

Luiza Dantas/Carta Z Noticias



Com Aracy Balabanian e Fernanda Montenegro em *Queridos amigos*

Globo/Marília Cabral



Em *O outro lado do paraíso*, ao lado de Julia Dalavia

Avenida Brasil/Divulgação



Como o vilão pai de Carminha, em *Avenida Brasil*